



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
ROZENI REGINA DOS SANTOS

**A SUBCONDIÇÃO HUMANA E OS PROBLEMAS SOCIAIS NA OBRA
SERRA DOS PILÕES**

PALMAS – TO
2017

ROZENI REGINA DOS SANTOS

**A SUBCONDIÇÃO HUMANA E OS PROBLEMAS SOCIAIS NA OBRA
SERRA DOS PILÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de letras do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, como exigência para obtenção de grau licenciatura em letras.

Orientadora: Prof. Dra. Sylmara Barreira

PALMAS – TO

2017

Santos, Rozeni Regina

A Subcondição Humana e os Problemas Sociais na Obra Serra dos Pilões/ Rozeni Regina dos Santos. – Palmas, 2017
34 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Instituto Federal de Educação do Tocantins, Campus Palmas, 2017.

Orientador(a): Prof. Dra. Sylmara Barreira

1. Serra dos Pilões 2. Problemas sociais I. Título

ROZENI REGINA DOS SANTOS

**A SUBCONDIÇÃO HUMANA E OS PROBLEMAS SOCIAIS NA OBRA
SERRA DOS PILÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de letras do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, como exigência para obtenção de grau de licenciatura em letras.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA AVALIADORA

Dra. Sylmara Barreira
IFTO – Campus Palmas

Dra. Nahete de Alcântara Silva
IFTO – Campus Palmas

Mestra Mônica Teles de Moura
IFTO – Campus Palmas

Agradecimentos

A Deus, o autor da minha vida.

À todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram comigo, pois cada uma acrescentou de seu modo, algo importante para a minha vida.

Meu muito obrigado a minha família, amigos, professores e colegas, que de alguma maneira participaram desse momento que vai ficar gravado para sempre em meu coração!

Em especial aos meus queridos pais, pelo carinho e dedicação durante essa minha jornada.

Ao meu amado esposo, pelo seu amor e compreensão nos momentos que, por causa dos estudos, tive que estar ausente!

Aos meus irmãos, pela segurança e apoio. Obrigada por existirem em minha vida e que Deus conserve sempre a nossa amizade.

A minha orientadora, Prof^a. Dra. Sylmara Barreira, pela paciência, responsabilidade e comprometimento durante as orientações.

Sumário

1. Introdução.....	07
2. Desenvolvimento.....	10
2.1O que é regionalismo.....	10
2.2O regionalismo na literatura.....	11
2.3Se não for urbano, é regionalista.....	12
2.4A interpretação de Antônio Cândido para o regionalismo.....	13
2.5O regionalismo sob a ótica de Alfredo Bosi.....	14
2.6O regionalismo literário conta história de lutas.....	15
2.7Uma greve de fome e surge o Tocantins.....	16
2.8Terras de ninguém.....	18
2.9 Serra dos pilões – jagunços e tropeiros: a realidade do norte goiano.....	20
2.9.0 O submundo retratado em Serra dos Pilões: “era um sonho dantesco”	23
3. Metodologia.....	28
4. Considerações finais.....	30
5. Cronograma.....	32
6. Referencias bibliográficas.....	33

Resumo

Pretende-se neste trabalho colocar em discussão a subcondição humana e os problemas sociais de uma região esquecida pelo poder público através do Romance “Serra dos Pilões” de Moura Lima. O abandono da região a deixa vulnerável às tensões sociais: invasões, torturas, assassinatos, grilagem de terras, enfim a toda sorte e violências. Percebemos a importância de discutir a relação entre literatura e a história social do Tocantins. A história do norte goiano antes da criação do estado do Tocantins, é permeada de eventos atrozes. Moura Lima, no livro “Serra dos Pilões” narra alguns destes eventos como: o massacre da cidade de Pedro Afonso e as lutas por conquistas de terras. Analisamos também, no decorrer deste trabalho, a literatura regional e a literatura tocantinense, analisando os elementos humanos das cenas que compõem a obra “Serra dos Pilões”. Todo o romance é uma sequência de cenas de extrema violência, que foram o foco deste trabalho, pois nelas observa-se como o meio ambiente age como fator transformador da natureza humana. Foram utilizados como aporte teórico sobre o regionalismo as obras de Antonio Candido: *Literatura e sociedade* (2000) e *Formação da literatura brasileira* e o livro *Personagens em Transito*, de Teresa Ramos de Carvalho.

Palavras chaves: Serra dos Pilões, Problemas sociais, Jagunços, Tocantins.

Abstract

This work aimed to discuss the subhuman conditions of life and the social problems of a region long forgotten by the government of Goiás, through the novel “Serra dos Pilões”, written by Moura Lima. The abandonment of the region lets it to be vulnerable to social tensions: encroachments, torture, manslaughters, land grabbing and conferring the relationship between the literature and the social history of Tocantins. The history of the north region of Goiás before the establishment of the state of Tocantins is permeated of atrocious events. Moura Lima, in “Serra dos Pilões” narrates some of those episodes such as: the massacre in Pedro Afonso and the struggle for the conquering of land. Throughout the research, the regional and the Tocantins literature were studied, to be used as the basis for the analysis of the human elements of the scenes that compound the novel “Serra dos Pilões”. The whole novel is a sequence of arenas of extreme violence, which are considered the human nature modifying agents. The books on *Regionalismo* by Antonio Candido and the one by Teresa Ramos de Carvalho were used as the theoretical framework.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a subcondição humana e os problemas sociais na obra "Serra dos Pilões". Através da dramaticidade e dos cenários, propomos buscar o entendimento das questões locais e sociais, a indiferença dos políticos em relação à região do então norte Goiano.

O livro é uma narrativa de dois grupos de jagunços rivais. O enredo desenvolve-se através do desejo de vingança organizado por Labareda contra o bando de Abílio Batata, que foi responsável pela chacina de Pedro Afonso. Nesta narrativa, mergulhamos na história da região, na tradição da sua representação literária (sertanismo e regionalismo).

A história transcorre na região do Jalapão, na antiga Comarca do Norte, com sede em Porto Nacional, quando surge um movimento pela ocupação dos vazios internos – a Marcha para o Oeste – com a abertura de linhas telegráficas, pistas de pouso e construção de cidades, a exemplo de Goiânia. Apenas na década de 1950 o movimento divisionista, já anteriormente tentado, ressurgiu com maior força, a partir da mobilização de personagens como o Major Lysias Rodrigues e o Juiz de Direito Feliciano Braga.

Tempos depois, o deputado federal Siqueira Campos iniciou uma campanha na Câmara, onde pedia a divisão territorial da Amazônia Legal (com ênfase no norte goiano), uma vez que mesmo com investimentos de projetos como o Polocentro e Polamazônia, o norte do estado ainda tinha fraco desempenho econômico. A campanha também foi apoiada por intelectuais, por meio do surgimento da Comissão de Estudos do Norte Goiano (Conorte), em 1981, que promoveu debates públicos sobre o assunto em Goiânia. A discussão pela divisão foi levada do nível estadual para o nível federal, onde a proposta foi rejeitada duas vezes pelo presidente José Sarney (1985), sob a alegação de o Estado ser inviável economicamente.

A mobilização popular e política da região norte fizeram com que o governador eleito de Goiás, em 1986, Henrique Santillo, apoiasse a proposta de divisão, passando a ser grande articulador da questão. A efetivação dessas articulações deu-se durante a Assembleia Constituinte, que elaborou a nova

Constituição Nacional, promulgada em 1988, e que contemplou a criação do Estado do Tocantins, efetivamente, a partir do dia 1º de janeiro de 1989. O autor da obra pesquisada, Moura Lima, buscou retratar o norte goiano e suas mazelas.

Nossa hipótese é que o autor, ao problematizar a relação do sertanejo (jagunços, tropeiros, população local e coronéis), conta a história e, ao mesmo tempo, forma a identidade regional. Ao comparar as histórias dos jagunços, dos coronéis e da população local, buscaremos as respostas para a ausência de assistência do governo de Goiás, na época. A população local é exposta à situações de selvageria, à falta de humanidade, à maldade humana que beira atitudes animais por parte dos jagunços, a mando dos coronéis que dominavam a região em busca de terras. Pela leitura da obra e os temas nela abordados, pode-se caracterizá-la como um romance regionalista.

Frizon, (2007) parafraseia João Cabral de Melo Neto, ao conceituar o regionalismo. O autor de “Morte e Vida Severina” considera o regionalismo além das descrições da natureza ou das lutas dos homens; para ele, regionalismo vai muito além, preocupa-se com o problema do homem.

Tomando como ensinamento as palavras de João Cabral de Melo Neto, justifica-se a escolha do tema, porque a obra em estudo mostrará um problema social, que teve como cenário o antigo norte-goiano, hoje Tocantins, com seus anti-heróis, com seus latifundiários desumanos.

De acordo com o crítico Antônio Candido, “o sertão não é tão longe como se imagina; o jaguncismo não acabou há tanto tempo e, no fundo, ainda persiste sob outro viés” (CANDIDO 2012, p.127). Na obra que será estudada, nota-se que semelhantes aos jagunços que são retratados em obras nordestinas, no norte goiano também existiam os pistoleiros, os capangas de donos de terra. Recebem outro nome, mas agem do mesmo modo.

Os homens, segundo Antônio Candido “são produzidos pelo meio físico: o Sertão os encaminha e desencaminha, proporcionando um comportamento adequado à sua rudeza” (CANDIDO, 2012, p.127). O cerrado do norte de Goiás retratado na obra Serra dos Pilões é seco, inóspito, selvagem e assim, faz com que os homens da região sejam também primitivos, ariscos e rudes.

Sendo assim, considera-se relevante mostrar, através do estudo de “Serra dos Pilões”, a realidade histórica, física e social da região do Jalapão, quando a ausência de leis, de recursos e de atenção por parte do governo de Goiás, relegava a região norte do estado ao poder dos proprietários ou posseiros de terra e de seus “bate-paus”. A sequeidão da região, aliada à falta de perspectiva dos seus habitantes, aparece na obra através do abrutamento dos personagens.

Determinou-se como objetivo geral do estudo a análise da subcondição humana e os problemas sociais na obra "Serra dos Pilões". Os objetivos específicos exploram a obra com mais detalhes e viabilizam sobremaneira o entendimento do tema escolhido. Através da problemática social foram analisadas as características regionalistas da obra .

2. Desenvolvimento

Para embasamento deste trabalho, foram escolhidos autores que caracterizam as obras regionalistas, assim como críticos da literatura e da história social tocantinense. Primeiramente, faz-se necessário conceituar o regionalismo para que a obra seja melhor ambientada e compreendida. Em tópicos posteriores, o local onde transcorre a narrativa de Moura Lima é exposto nas cenas a natureza, o linguajar dos jagunços, dos tropeiros e dos habitantes das "currutelas", os embates cruéis pela posse e domínio de terras e a demonstração da degradação humana.

O primeiro tópico discorre sobre os vários conceitos de regionalismo.

2.1 O que é regionalismo

O regionalismo começa quando o império foi dizimado e surge a república; com o fim do escravismo, o sistema republicano tentará anular o imaginário do poder monárquico personalista e paternalista em prol de uma representação mais democrática do poder. Assim, desenvolvem-se os processos de regionalização e nacionalização.

Araújo A. (2006, p.113) ao definir o regionalismo diz que

“A “Nação” e “região” são conceitos que surgem como um par opositor: a ideia de “nação” está ligada ao centro do poder, enquanto a ideia de “região” vai se relacionar a tudo o que seja o outro em relação a esse poder central. Falar de regionalismo causa sempre uma estranheza”.

Crê-se que o autor utiliza o termo “estranheza” analisando o fato de que a palavra regionalismo está investida de uma carga semântica que, na maioria das vezes, remete a nacionalismos baratos e tacanhos. A grosso modo, o regionalismo é a expressão literária que valoriza a força que se dá a peculiaridades locais, tanto em suas formas particulares de falar quanto na exploração descritiva de seu lugar geográfico.

Já o crítico Afrânio Coutinho (1968) apresenta duas definições para o termo: a primeira, ampla, diz que toda obra de arte é regional quando apresenta como pano de fundo um lugar ou quando parece brotar desse local particular; a segunda definição para o termo, aquela com o sentido do regionalismo autêntico, diz ser regional uma obra que não somente é localizada numa região, como também retira a sua “substância real” das particularidades deste lugar.

“Regionalista é a obra que retira sua “substância real” de um lugar determinado, entendida tal substância como composta pela natureza, o tomado como fator atuante sobre a vida dos homens que ali vivem; e pela cultura destes mesmos homens”. (COUTINHO, 1968, p.222).

As obras regionalistas são inspiradas nas vivências das pessoas de uma determinada região, ou seja, as ações das personagens são típicas daquele local. Ainda sobre o conceito de regionalismo, a autora Lúcia Miguel-Pereira (p.179) cita:

“O regionalismo se restringe “[às] obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora”

As obras regionalistas são aquelas compostas de peculiaridades específicas de uma determinada região e, sem estes elementos, elas perderiam as características regionalistas.

2.2. O regionalismo na literatura

Em um país como o Brasil, com uma dimensão territorial que quase corresponde a do continente europeu, é inconcebível o fato de pesquisadores e historiadores da literatura não identificarem e enfocarem com maior precisão os sistemas literários que se desenvolvem nos inúmeros âmbitos regionais do país.

O regionalismo tem uma tradição de quase 150 anos na literatura brasileira. Surgiu em meados do século 19, nas obras de José de Alencar, de Bernardo Guimarães. A literatura que se assume regionalista costuma qualificar uma região através das suas especificidades e particularidades culturais. A literatura regionalista, intencionalmente ou não, traduz “[...] tipos humanos, paisagens e costumes considerados tipicamente brasileiros.” (CANDIDO, 2002, p.87) expressando os traços do momento histórico e da realidade social; nela, o local é

abordado com amplitude, podendo-se falar tanto de um regionalismo urbano quanto de um regionalismo rural.

O regionalismo na literatura brasileira desenvolve-se como aquilo que supostamente não pertence ao coletivo de uma nação; é taxado como a face pitoresca e atrasada da literatura.

Portanto, há controvérsias e indefinições do que seja a literatura regionalista.

2.3. Se não for urbano, é regionalista

A autora Ligia Chiappini tece considerações a respeito do regionalismo brasileiro que se tomou como relevantes. Toda obra literária produzida fora do Rio de Janeiro no século XIX ou do eixo Rio-São Paulo no século XX e tendo como objeto narrativo o mundo rural deve ser classificada como regionalista? É essa questão que, de acordo com a autora, deve ser revista, o que já vem sendo feito por alguns críticos, pois a dificuldade para se considerar o que seja literatura regionalista continua sendo grande.

Um outro ponto polêmico é que toda obra rural tem uma tendência a ser rotulada como regionalista. O Regionalismo é usualmente associado à literatura rural, em função de a região ser tomada como um espaço interiorano e rural, afastado das capitais e das metrópoles. E essa é uma concepção equivocada, pois as cidades estão inseridas nas regiões, ou, em outro sentido, compõem “centros” em torno dos quais as regiões gravitam, em decorrência disso, os temas urbanos também fazem parte das especificidades da região em que ela está inserida.

“A história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e urbanização. Ele é, portanto, um fenômeno moderno e paradoxalmente, urbano”. (Chiappini, 1995, p 155).

De acordo com Chiappini (1995), o regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária às vezes mais às vezes menos atuante, tanto como movimento de grupos de escritores que defendem uma literatura que tenha por

ambiente, tema e tipos uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gosto dos citadinos, sobretudo das grandes capitais.

Ainda sobre o regionalismo, a crítica comenta que é impossível desvincular a literatura regional dos espaços urbanos, pois os espaços urbanos, apesar das suas características de cosmopolitismo, não possuem existência independente das regiões, não são auto-suficientes, em conexão apenas com outras ilhas urbanas e “não-regionais”.

A obra literária regionalista tem sido definida como “qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais”, definição que alguns tentam explicitar enumerando tais peculiaridades (“costumes, credences, superstições, modismo”) e vinculando-as a uma área do país: regionalismo gaúcho, regionalismo nordestino, regionalismo paulista. Tomando assim, amplamente, pode-se falar tanto de um regionalismo rural quanto de um regionalismo urbano. (Chiappini, 1995, p 155).

O “regionalismo” não deve continuar sendo vinculado às obras de ambiência rural, mas sim, àquelas em que as características culturais regionais sejam colocadas em evidência, exaltadas em relação a outras. A “literatura regional” surge como alternativa para englobar não só o regionalismo literário, como também as outras obras ambientadas ou produzidas na região.

Considerou-se necessário estudar os vários olhares de críticos literários a respeito do termo regionalismo.

2.4 A interpretação de Antônio Cândido para o regionalismo

O regionalismo está presente em vários momentos da história literária brasileira, agregando ao seu conceito noções como “localismo”, “pitoresco” e “bairrismo”. Com isto, o regionalismo sobrevive como uma tendência que se nutre da tensão dialética entre o local e o universal. “As tendências regionalistas aparecem estilizadas e graças ao dado objetivo da realidade que interfere na seleção dos temas e dos assuntos, bem como na própria elaboração da linguagem” (CÂNDIDO, 1987, p. 162).

Como um fator dinâmico, a noção de regionalismo reside no campo extraliterário e é construída historicamente, mas tem sido imprescindível à vida literária do país, com manifestações significativas nos dois momentos

identificados por Antônio Candido (1980) como decisivos da literatura brasileira: o Romantismo e o Modernismo. (Hermenegildo, p. 120, 2008).

O regionalismo é uma vertente de grande relevância para literatura brasileira. Antônio Candido (1968) esclarece que o regionalismo permanece como uma força instigante da literatura, uma vez que a situação de atraso econômico e social invade o campo da consciência e da sensibilidade do escritor, “propondo sugestões, erigindo-se em assunto que é impossível evitar”. Assim, no período do Modernismo, sobretudo o que se seguiu após a revolução de 1930, o regionalismo funcionou como “[...] presciência e depois consciência da crise, motivando o documentário e, com o sentimento de urgência, o empenho político” (CANDIDO, 1987, p. 156 - 158).

Na fase de pré-consciência do subdesenvolvimento, ali pelos anos de 1930 e 1940, tivemos o regionalismo problemático, que se chamou de “romance social”, “indigenismo”, “romance do Nordeste”, segundo os países, e, sem ser exclusivamente regional, o é em boa parte. Ele nos interessa mais, por ter sido um precursor da consciência de subdesenvolvimento [...] (CANDIDO, 1987, p.160).

Ao analisar as relações entre a Revolução de 1930 e a cultura, Antônio Candido observa que, após aquele momento revolucionário, a cultura brasileira passou por um processo de unificação, dispondo em nova configuração elementos até então dispersos, ou seja, “projetando na escala da Nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões” (CANDIDO, 1987. p.181-182).

2.5 O regionalismo sob a ótica de Alfredo Bosi

Alfredo Bosi, em “História Concisa da Literatura Brasileira” (1994), confirma que o nacionalismo de José de Alencar foi um dos aspectos formadores do Romantismo. Contudo, o autor aponta “as várias formas de “sertanismo” (romântico, naturalista, acadêmico e até modernista) que têm contribuído para a literatura nacional, desde o século passado. O sertanismo nasceu do contato com o Brasil rural, provinciano e arcaico. Segundo Bosi, o fazer “sertanismo” (romântico e naturalista), no século XIX, estava subjugado ao fato de o escritor “projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo”. O resultado para Bosi é que o regionalismo está fadado a ser literatura de segundo plano.

Bosi destaca três nomes na literatura romântica e realista, em condições de representar o regionalismo desses períodos literários: Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora. E no livro *História da Literatura Regional*, Bosi conclui que através do Romantismo, nasceu o regionalismo que mostrou o Brasil, o homem do sertão e as várias regiões culturais aos brasileiros. Em um formato de descoberta do próprio país, através da literatura, o Romantismo revelou as diferenças de cada região, presentes no clima, na paisagem, na cultura, na sociedade e na língua.

Esse ponto abordado por Bosi (1989) ampara a pesquisa apresentada neste trabalho de conclusão.

2.6 O regionalismo literário conta história de lutas

Dentro do regionalismo brasileiro, uma pequena vertente dedicou-se a relatos de revoltas, de buscas por emancipação, por meios de sobrevivência, sobretudo em lugares pouco habitados. É nesse contexto que se destacam algumas obras como: “Os Sertões” de Euclides da Cunha, “Terras do sem fim” de Jorge Amado, “O Tronco” de Bernardo Élis, e, dentre elas, “Serra dos Pilões”, de Moura Lima.

Euclides da Cunha, na obra “Os Sertões”, destaca as lutas dos sertanejos de Canudos contra o ataque do exército, mesmo com a irrestrita crueldade dos soldados que degolavam e estripavam os que ousavam sobreviver ao massacre, que incidiu sobre o povoado de Canudos. Os sertanejos permaneciam “inquebráveis, pareciam ressurgir das cinzas.” (Cunha, 1995, p. 593). “Canudos não se rendeu. Resistiu até o esgotamento” (Cunha, 1995, p. 642). A obra de Euclides da Cunha eternizou esse traço de robustez demonstrado pelos sertanejos durante as diversas batalhas.

Também a obra “Terras do sem-fim” de Jorge Amado baseia-se nas disputas por terras entre proprietários rurais e os grandes latifundiários da Bahia. Denuncia a violência do sertão, baseada na lei do mais forte e na demonstração de poder, evidenciando a injustiça social e a exploração do trabalhador, vítima da ambição dos coronéis sertanejos.

O mesmo acontece na obra analisada “Serra dos Pilões”, uma vez que a população local é exposta às situações de brutalidade e selvageria. A maldade dos

jagunços beirava a atitudes animais. E esses brutos agiam a mando dos coronéis que dominavam a região em busca de terras.

As lutas por questões agrárias no processo de modernização do Brasil foi um problema social, narrado em muitas obras regionalistas, por ser uma situação corriqueira dos interiores do país. E regionalismo é a forma literária que tem como foco a realidade local.

A obra estudada nesta pesquisa ilustra essas lutas que servem de pano de fundo do romance “Serra Pilões” para melhor contextualização, da criação do estado e suas implicações aqui descritas.

2.6 Uma greve de fome e surge o Tocantins

O **Tocantins** foi criado em 1988, com a promulgação da Constituição brasileira. Antes, as terras que hoje correspondem ao território do Tocantins faziam parte do estado de Goiás.

Antes da colonização, o **território do Tocantins** era ocupado pelos índios xingus e txucarramães. Em 1625, missionários católicos liderados por Frei Cristovão de Lisboa fundaram uma Missão religiosa no extremo norte de Goiás. Do norte e do nordeste chegaram imigrantes à região durante dois séculos. No século XVIII, os bandeirantes chegaram à região pelo sul, em busca de ouro. Assim, estabeleceram-se na região duas culturas: a dos sulistas que vieram de São Paulo e a dos que vieram do norte e nordeste, chamada de nordestina. A dificuldade de acesso fez com que os habitantes do norte da região estabelecessem mais vínculos comerciais com os estados vizinhos (Pará e Maranhão) do que com os habitantes do sul. O mesmo ocorreu com os habitantes do sul, que se aproximaram comercialmente dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

A partir de 1821, o movimento separatista se fortaleceu com a proclamação, ainda que sem sucesso, do Governo Autônomo de Tocantins. Em 1824, as idéias separatistas afloram novamente, ainda sem sucesso. Com a criação do Distrito Federal e a construção de Brasília, a região norte do então estado de Goiás começou a se desenvolver. A construção de rodovia Belém-Brasília, a mineração de

ouro e calcário e o extrativismo da madeira aceleraram o desenvolvimento da região, expandindo a população, a agricultura e o comércio.

O deputado federal, José Wilson Siqueira Campos, teve um papel fundamental na criação do Estado. Ele sofreu várias tentativas de assassinato, foi preso por dias e fez greve de fome em favor da causa separatista. Ele também redigiu a fusão de emendas (conhecida como Emenda Siqueira Campos) que, aprovada, deu origem ao Estado do Tocantins.

Com a promulgação da Constituição, em 1988, foi criado o **estado do Tocantins**. A cidade de Miracema do Tocantins foi escolhida como capital provisória, até que a capital Palmas fosse construída. Em 1989, começou a construção da nova capital, e em 1990, a sede do governo é transferida para Palmas. Todas as pelejas e combates que antecederam à criação do Estado do Tocantins tiveram como motivação o monopólio de terras do norte goiano, vazias e inóspitas.

instalados ao longo de riachos, várzeas e encosta de serras, assim como por imigrantes oriundos de diversas regiões que procuravam se livrar, da exploração do fazendeiro ou para ampliar a propriedade nas terras abundantes do vale do Araguaia, onde mais tarde viriam explodir conflitos entre posseiros e o grande capital expropriador.

As propriedades foram todas incorporadas aos latifúndios por via da compra, por preços irrisórios, ou pela expulsão violenta com uso de pistoleiro, ameaças de morte e morte de fato.

Em praticamente todos os casos, as vítimas dos conflitos de terras são indígenas e posseiros, ao passo que os beneficiários são grileiros, latifundiários e empresários. Algumas vezes o poder público é levado a proteger índios e posseiros, mas o que tem prevalecido é a consolidação dos interesses latifundiários e empresários. (LIMA 2015, apud IANNI, 1979, p.143).

À medida em que os grileiros, latifundiários e empresários avançam na ocupação da região através da derrubada das matas para formação de pastagens, o dilema dos posseiros se acentua. São abrigados a abandonarem suas posses, ou saem sem rumo, ou resistem, correndo o risco de serem mortos pelos jagunços contrados com único fim.

Moura Lima, no livro “Serra dos Pilões”, evidencia muito claramente a questão latifundiária,

“São assim os cabras de Abílio Batata. Usam aquelas crueldades para impor, infundir nos adversários o terror e o medo. Por onde passam, deixam a terra arrasada. A mínima resistência é motivo suficiente para matarem tudo: galinha no terreiro, cavalos e moradores. O grosso da criação roubam e botam na estrada”. (Moura Lima, 2011, p.155)

Os jagunços, a mando dos grandes coronéis, invadiam as propriedades, expulsavam ou matavam os proprietários, apossava-se das terras e roubavam os animais.

A violência a qual os posseiros e trabalhadores eram expostos ao entrar em contato com os grupos de jagunços dos grandes coronéis tornavam-nos rebeldes que travavam intensas batalhas em nome da posse de terras. Eis por que “[...] não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (LIMA 2015, apud MARX, 1978, p.130).

2.8 Serra dos Pilões – Jagunços e tropeiros: a realidade do norte goiano

A obra que foi objeto de estudo, “Serra dos Pilões”, mostra o regionalismo do antigo norte do estado de Goiás, região essa “concebida como um grande vazio demográfico, apesar da presença de posseiros, indígenas e ribeirinhos, de difícil acesso e com conflitos pela posse da terra (MECHI, 2014).

O autor Jorge Lima de Moura (literalmente Moura Lima) nasceu em 2 de dezembro de 1950, na fazenda Capim-puba, localizada nas proximidades de um vilarejo denominado Capelinha (hoje Heitorai), distrito de Itaberaí, situado às margens do rio Uru, extremando com Goiás Velha e os sertões do Vale do São Patrício, no Estado de Goiás.

Nesta fazenda e nos arredores do povoado, passou a infância e adolescência, juntamente com seu pai, Guiomar Rodrigues de Moura, natural do Norte de Goiás, antigo Descoberto, hoje Porangatu, e de sua mãe, Conceição Lima de Moura, nascida em Igarapava, São Paulo, tendo sempre presente a avó, Doralice Rodrigues Prateado e a imagem do avô paterno Pedro de Moura Lima Alencar.

Moura Lima, apesar de não ser naturalmente tocantinense, tem um grande conhecimento da região através das experiências do seu avó e seu pai que conheciam muito bem essa região. Além disso, Moura Lima detém uma relevante folha de serviços prestados ao estado do Tocantins, como servidor do Instituto Nacional de colonização e reforma agrária – INCRA, onde foi executor do Projeto Fundiário de Gurupi, Chefe e presidente da Comissão de Licitação de Terras Devolutas da União, no estado de Goiás, atuando principalmente na Região do Norte Goiano. Hoje essa região configura-se como território tocantinense.

E com essa bagagem tocantinense, tornou-se um dos maiores nomes da literatura regional do estado. O romance “Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros” recebeu os aplausos de grandes nomes da literatura brasileira.

Para Clovis Moura:

“A ficção regional exige muito mais do que o simples conhecimento da Geografia, nomes de rios, montanhas, fauna, flora, além da forma particular dos falares regionais. Exige uma criação literária. E é exatamente o que distingue o romance “Serra dos Pilões” das muitas tentativas frustradas da ficção regional. O autor reelabora, quase sempre com êxito, as particularidades da paisagem, natureza e o homem numa

unidade literária que dá como resultado um romance que expressa e ao mesmo tempo transfigura a região, projetando-se como obra na qual personagens e sobretudo a ação humana dinamizam-se harmonicamente”.

A poetisa, Stella Leonardos homenageia a obra de Moura Lima com essa bela poesia:

Repensando “Serra dos Pilões”

- Cantai, mestre Moura Lima:
Como nasceu vosso livro
Tão de força e sertão vero?
- Senhora, nasci na era
dos carros de boi, e ali,
na labuta do dia-a-dia,
batendo aqueles rincões,
fui candeeiro de meu pai,
por esbrugados caminhos
ebaixões.
- E a linguagem vossa, viva,
Que nos vem tão forte assim?
- Amoça, vem das andanças.
Vem do norte de Goiás,
Pelos trilheiros vem vindo
Ou no lombo dos matungos
Ou nas canoas do rio
- O Tocantins.
- E as cores do populário?
E o místico sincretismo?
E o flagelo dos jagunços?
E o coração sertanejo?
- Das notas reais de outros tempos.
- Só sei que o romance vosso,
São mais que ficção e história.
Em nós rapsodos de tornam,
Rapsodiar inesquecível,
Regionalista rapsódia.

No romance, Moura Lima não transpõe, simplesmente, o social para dentro da obra, para enquadrá-la em uma época. O dado histórico, o dado psicológico, o dado dramático e o linguístico são internos, compõem a obra, são instrumentos na mão do escritor. De acordo com CANDIDO (2000, p.33), “há uma identidade inequívoca que não pode separar realidade e obra”.

Moura Lima volta-se para o contexto goiano do declínio da extração aurífera e do posterior surgimento da concentração fundiária, marcada por extrema violência social, pelo cotidiano de assassinatos, do poder armado do coronelismo e da jagunçagem.

Desse contexto regionalista tocantinense, Moura Lima consegue captar a rudeza dos personagens, transformados pela aspereza da vida no cerrado inóspito.

Ao analisar a literatura de Moura Lima, a autora (Olival, apud, Carvalho p. 5, 1998) coloca:

Não tem, surpreendentemente, o objetivo, apenas de imprimir continuidade no desvelar da região interiorana, em tomada conjunta de seus valores vitais e, acompanhada como bloco único, como o fizeram seus antecessores, mas, agora acompanhando o fato histórico da divisão dos territórios Goiás-Tocantins, projeta-se, em iniciativa pioneira, a ser a primeira manifestação oficial, dramatizada-através de contos, "causos", lendas, mitos, romances-da alma tocantinense. (...) assim é que flashes do primitivismo selvagem, decorrentes da ignorância e do abandono político administrativo desses "fundões", atrocidades, bravuras, grandezas e pequenez de alma surpreendentes, variações do que já era tradição no sertão brasileiro, adquire, agora, com Moura Lima, feições peculiares, muitas vezes particularizações históricas da alma de uma região, exposta nas suas lendas, mitos, riquezas ecológicas, como a Serra dos Pilões, a do Jalapão, etc. Envolve ainda os rios, seus mistérios e curiosidades intrigantes que alimentam, não só a fertilidade ambiental, quanto o imaginário local, este enriquecido matiz do substrato comum, burilando o perfil de seus heróis e anti-heróis.

O livro “Serra dos Pilões - jagunços e tropeiros”, vai muito além de caracterizar a região no então norte goiano. Essa obra traz, de forma pioneira, a temática da divisão de Goiás e formação do Estado do Tocantins. São dados históricos, porém, na forma de ficção.

2.9 O submundo retratado em Serra dos Pilões: “Era um sonho dantesco”

Terra sem leis, sem assistência por parte do governo de Goiás, ninho de “cabras”, reduto de migrantes. O objetivo do trabalho é mostrar dentro dessa obra regionalista o sofrimento dos habitantes da região resignada de Goiás e anulados pelos jagunços dos latifundiários. Uma luta desigual e inglória.

De acordo com Carvalho (2013) o romance de Moura Lima nasce após pesquisa histórica sobre o jaguncismo no interior de Goiás e a chacina de Pedro Afonso. Moura Lima faz ressurgir o regionalismo brasileiro nas veredas do Tocantins com a obra Serra dos Pilões, pois esse é, cronologicamente, o primeiro romance produzido neste estado.

Segundo Moema (apud Carvalho, 2013):

“O romance Serra dos pilões é história, na medida em que “o saber” de que lança mão é retirada da história. As duas obras são resultados de pesquisas sobre atos de extrema violência acontecidos no ano de 1914 em Pedro Afonso. O autor utilizou os registros históricos para recriar ficcionalmente suas verdades.”

Moura Lima com “Serra dos Pilões”, Bernardo Élis com “O Tronco” e Osvaldo Rodrigues Póvoa com “Quinta-feira Sangrenta”, formam um grupo representativo da literatura regional, ambientada no Tocantins nas cidades de Pedro Afonso e Dianópolis. Entretanto, a linguagem regional utilizada por Moura Lima difere das demais obras citadas, porque retrata o linguajar dos jagunços e dos tropeiros.

Examinaremos algumas cenas do livro “Serra dos Pilões” que demonstram a falta de assistência do governo naquela região, as ações de brutalidade e selvageria dos jagunços e o sofrimento da população local. Tomemos alguns fragmentos do livro, que no conjunto da obra possuem uma importante relevância na construção da literatura Tocantinense.

“A vila de Pedro Afonso, outrora cheia de vida, com os batelões descarregando mercadorias no porto local e saindo carregados com os produtos da terra, para o Maranhão e Belém! E agora? Um cemitério! Uma tapera! Parecendo povoado fantasma, depois do assalto da jagunçama de Abílio Batata. O sangue correu em riacho gorgolejando para o Tocantins e o

rio Sono. Os papos-amarelos repicaram a cantiga da morte. Urubus ficaram com bico doce, de tanto comer cadáver.” (Serra dos Pilões, p. 23).

O trecho acima narra à chacina de Pedro Afonso. Marco inicial do enredo romance, que se desenvolve em torno de uma demanda por vingança. Organizada por Labareda contra o bando do Coronel Abílio Batata, responsável pelo assassinato de tantos habitantes da cidade:

“As imagens de Madalena brotam-lhe vivas, como se a visse andando com jeito, por causa, da gravidez, já no mês final. Mas seus inimigos mataram-na, com maior judiação e perversidade. Abrir,-lhe impiedosamente o ventre a facão, retiram ainda com vida a criança e em seguida jogaram-na pra cima para espetá-la nos longos punhais, como se fosse melancia”. (Serra dos Pilões: 2011, p.24).

Cenas como esta retratam a forma com que os jagunços agiam,: com crueldade e impiedade. Os personagens do romance vivem em um universo de violência.

“Nisso surge, abruptamente, bem na frente do grupo, naquela curva de trilheiros orlado por um cerrado ralo de arbustos rasteiros e entremeados de piaçabas, meia dúzia de matutos de cor acobreada tendo à frente dois carregadores atarracados e entroncados, que sustentam nos ombros um banguê. E ali na rede encardida, toda desbotada riscada de carvão, encontra-se o corpo de um homem morto. Vem balançando, e pelo jeito, o defunto é pesadão. Logo atrás, em atitude de contrição, como se carregasse na alma a dor pelo passamento do morto, vêm as mulheres e homens. Os carregadores do banguê suam e fungam com o peso do morto. Labareda abre caminho pelo lado direito da trilha, imitando pelo grupo, para dar passagem à procissão fúnebre. Assim que o féretro cruza com o grupo, Labareda, em sinal de respeito e seguido pela jagunçada, descobre-se tirando o chapéu e, em voz alta, saúda-os:

- Vai com Deus, paz na guia e Deus adiante!

Os homens e as mulheres nada respondem, passam desconfiados, tremendo, cabisbaixos, como curraleiras abichornados, olhando o chão e gungunando uma reza baixinha.

Gavião, com sua cara lambida, matacreia, do alto da sela, não gosta do compostamente dos acompanhantes e, voltando-se para os companheiro que observam a cena, diz-lhe:

- Vamos lascar fogo nesse povo malcriado, que não sabe nem dar bom dia a vivente!

Nem acabou de fechar a boca cheia de dentes cariados o que se ouve é o estouro do pessoal quebrando cerrado no peito, dando nos cascos. O banguê balança, freneticamente como se quisesse jogar o defunto no chão. Mas os carregadores não largavam vão roçando a saroba aos pulos, no arranque. A cabroeira cai na gargalhada do cão, e Zezão, aproveita o embalo, saca mão da armão-de-égua e lasca fogo na direção dos pobres coitados. (Serra dos Pilões: 2011, p.36)”

E a jagunçada continua com sua maldade:

“Vamos chegar de surpresa, para não dar tempo da ciganada reagir. E acena com a mão, chamando homens ao ataque. Os burros entram duma vez na água, estourando ao longe. A água sobe as farta, espargindo-se pelas margens. E vão dar em cima do acampamento. Pelos fundos vêm os homens, atravessando o ribeirão a pé. O cerco está estabelecido. Não tem como fugir. A ciganada treme de medo, criança chora, as mulheres batem os queixos. Cavalos relinchando, outros correndo pela macega da beira do ribeirão. Uma ciganada velha, de joelho por terra, bate os beiços na reza. Três mulheres que se encontravam lavando roupas, numa pedras encostadas no acampamento, tremem como se estivessem com sezão. Pois oito cabras cercam-nas, com os rifles nas mãos, de forma ameaçadora, sem contar o olhar voraz que derramam sobre as coitadas, demonstrando uma fome voraz pelo longo jejum da carne, que brota no instinto animalesco.[...] Ao final, as mulheres são só o trapo, umas andando de pernas abertas, outras, desmaiadas. E cabroeira na gargalhada, como se o inferno tivesse aberto as portas e soltado a capetada toda. É um caldeirão de maldade derramando-se pelas margens do ribeirão.” (Serra dos Pilões: 2011, p.61)

A cena descrita acima mostra a liberdade que os jagunços tinham em agir com descaso, com crueldade, pois sentiam-se donos daquelas terras e de seus habitantes. Isso se dava devido à ausência de governo.

“- Não me conformo, a gente vive nesse mundão, isolados, como bugre, cuidando da nossa obrigação, e essa capetada aparece pra bulir nas nossas coisas. O governo tem de mandar a polícia em riba dessa jagunçada e acabar com os tutanquebras do sertão. (Serra dos Pilões: 2011, p. 120).

As falas do personagem Tião retratam como a população local sofria com a falta de assistência de governo e a ação truculenta dos pistoleiros dos coronéis.

“La no interior de uma rede encardida, escabrujando às portas da morte, está uma criança de oito anos. O seu semblante é de cor amarela e cadavérico. E chama logo a atenção o barrigão esticado, parecendo que vai estourar. [...] Corta cabeça coloca na mão do agonizante a vela acesa. E a pobre criança entrega sua alma ao criador.[...] Corta Cabeça, após arrumar o corpo da criança morta sobre um jirau, sai do rancho.

- O capitão, que aguarda de fora com a jagunçada debaixo de um pequizeiro, inquiriu-lhe:
- Cumpru sua obrigação?
- Sim, capitão! A criança entregou-se a Deus.
- De que morreu?
- De amarelidão! É a fome velha que está matando essa.” (Serra dos Pilões: 2011, p.90).

A terra sem cuidados, sem agricultura, sem incentivo, era improdutiva e a fome imperava.

“O tinir de cascos na estrada de faz ouvir. O som vai aumentando, e os homens permanecem quietos, agachados, com o dedo no gatilho das carabinas. Os quatro vultos sinistros chega para perto do rancho; só cavalos fungam soprando; o cavaleiro da frente ergue a voz, numa implicação abusada:

-saia para fora, joça, seu filho-duma-égua! Nós queremos despejar uns caroços de chumbo no seu lombo. Se não sair, nós vamos botar fogo no rancho!

Dois cabras fumam na escuridão, e a cada vez que puxam a tragada, a brasa do pau-ronca clareia-lhes os rostos, formando um alvo perfeito pros tiros de carabina. Labareda dão sinal, e as carabinas cospem fogo, num clarão assustador. A cada impacto, os cavaleiros são projetados longe das selas. Um tenta correr na direção norte.

Labareda grita.

- Atire! Atire! Não deixe escapar, Jaburu e Bacurau!

E as carabinas repicam no vulto; só se ouve o relinchar do cavalo e o baque do corpo no chão: -pá-bufe!

No interior do rancho as mulheres tremem e rezam. Labareda grita:

-Gavião, me traga uma lamparina, vamos ver o estrago!

E vão andando, cautelosos, na verificação dos cadáveres. Um ainda respira, golfando sangue pela boca. Labareda saca do punhal e dá duas facadas, aliviando-o para a morte. Após a inspeção, diz:

- A caçada terminou, vamos dormir.”(Serra dos Pilões, p. 139)

O trecho exposto acima evidencia a batalha entre os grupos de Labareda e Cacheado. À frente, o de Cacheado, promovendo as mais terríveis atrocidades e o de Labareda no seu encalço e, quando pode, tenta evitar ou amenizar as dores das pessoas. No entanto, movido pelo sentimento de revanche, o grupo de Labareda age sob compulsão e com a selvageria comparável a do grupo de Cacheado.

“Chegaram de supetão, de repente, como se fossem raio. O patrão não teve tempo de reagir. Era homens armados. Naquele barulhão de caixa de marimbondos enfezados, ali mesmo no curral, sujigaram e ajoujaram o patrão emanuelão, como se fossem bois de carro. E, sem piedade, desceram e relho cru. [...] e os homens foram entrando pra dentro do rancho e começaram a pôr a mão em Sinha Joana, mas foram advertidos por Cacheado:

- Não toque nessa mulher, que agora me pertence...

E os homens atenderam. A pobre da Genu, mulher de Manuelão, que varria o tereiro, foi pega pelos homens. E eles, naquela fúria de demônios, passaram para cima da infeliz, deixando-a em petição de miséria. Os seus gritos eram de cortar a alma, e os homens, ali, no gozo.[...]

O patrão e Manuelão gemiam debaixo do pé de Angelim. As feridas eram chagas vivas, que atraíam moscas varejeiras. A jagunçada almoçou até fartar. A cachaça correu à vontade. De vez em quando boliam nas vergonhas de Genu. Na hora da partida, Cacheado determinou que

sangrassem Manuelão e que o patrão fosse morto devagarinho. E aqueles cabras furaram os punhos e tornozelos do patrão e passaram o relho de couro cru e o prenderam nos galhos. Os seus gritos saíam no arranque a cada punhalada. Depois de suspenso nos galhos, os homens continuaram a tortura. Passaram-lhe uma lapiana no bucho, foram puxando as tripas, com o homem ainda vivo. A cabroeira debaixo da árvore delirava no deboche e nas gargalhadas.” (Serra dos Pilões, p.157)

O episódio descrito acima revela um aspecto muito importante da subcondição humana e dos problemas sociais a que eram submetidos os personagens do romance. Essa condição revela a situação sócio-política da região.

“E logo surge o pelotão de jagunços. Vem estropiados de fadiga, demonstrando medo e arrepio a um simples rastejar de calangos, pelas folhas secas. Cacheado, antes destemido, agora um farrapo humano, um molambo, com olhos cheios de medo. Anda trôpego como uma caceba de mula velha. Mal segura a carabina nas mãos. O pelotão caminha pra morte. E, quando atinge o ponto certo da linha de tiro, o Capitão dá o sinal combinado aos homens. E as carabinas vomitam fogo, sem piedade. E os cabras são abatidos um a um, como caça...o caminho fica coalhado de cadáveres (...) Ali está consumada a vingança de Pedro Afonso (...) O velho Bocório recomenda a sepultura aos defuntos mas foi interpelado por Labareda: Que sirva de repasto para onças e tatus!” (Serra dos Pilões, p 214).

A cena descrita acima revela o desfecho do romance, quando o grupo de Labareda arma uma emboscada e aniquila o bando de Cacheado. Apesar do grupo de Labareda ser considerado herói, suas ações são vingativas, radicais e cruéis. A subcondição ganha destaque no comportamento truculento dos personagens.

“Pela primeira vez na vida, a sua alma desperta para o amor, de forma sublime e inesperada. De início, só pensava em satisfazer os instintos animais, as forças da carne, que lhe encachoeiram o sangue nas veias. Mas as ciladas da vida lhe reservam coisas mais elevadas que os instintos baixos.”(Serra dos Pilões, p. 62)

Em meio a tantas cenas de violência narradas no romance, Moura Lima reserva episódios românticos, como o descrito acima, que mostra os sentimentos líricos que se manifestam nos personagens.

3. Metodologia

A pesquisa desenvolvida foi de natureza básica, sem aplicação prática. Foi qualitativa e os objetivos propostos determinam uma pesquisa de caráter exploratório, pois a pesquisadora levantou informações visando conhecer o tema escolhido, através da bibliografia selecionada. Foi ainda uma pesquisa descritiva.

De acordo com o problema da pesquisa, esta foi qualitativa, pois de acordo com Gil (2000 p. 177), a interpretação tem importante papel nesse tipo de pesquisa. Foi escolhido como referencial teórico o Livro Literatura e sociedade (2000) de Candido e como corpus o livro “Serra dos Pilões - Jagunços e Tropeiros”, de Moura Lima (2011), que fundamentaram a análise da obra como sendo uma obra regionalista e das problemáticas sociais locais da época. Essas obras embasaram a proposta, com informações, críticas e pontos de vista, já que se trata de um estudo de uma obra regionalista.

Este trabalho obedeceu aos padrões da ética na pesquisa, com base na consciência da verdade e integridade. A pesquisadora tem em mente que a moral deve prevalecer e que o discernimento nas escolhas seguiu o caminho prescrito pelos cânones éticos.

Iniciando a pesquisa, foi feita a revisão da literatura pertinente, buscando identificar os traços da problemática social da época na região do então norte goiano. A seguir, foi selecionado o material, de acordo com os objetivos propostos. Após essa etapa, o material bibliográfico foi analisado e separado, considerando as partes previstas para o alcance do objetivo do trabalho. Por fim, a pesquisadora descreveu os resultados da pesquisa e apontou a conclusão do trabalho.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa foi bibliográfica. Além da obra estudada, “Serra dos pilões – jagunços e tropeiros”, de Moura Lima (2011), foram trabalhados livros e artigos científicos, dos quais foram coletados os dados bibliográficos necessários para se chegar à resposta à problemática da pesquisa.

Os autores escolhidos, Antônio Candido (2000), Teresa Carvalho (2013), Mechi P. (2014) Bosi (1994) e Chiappini (1995) deram o embasamento teórico e mostraram a linha de pensamento que direcionou o estudo. Por meio de fichamentos

e da análise e interpretação do material bibliográfico, a pesquisadora classificou aqueles que levaram ao alcance de cada objetivo proposto.

Como metodologia de análise da pesquisa, foi utilizado o arcabouço teórico de Antônio Candido (2000), cujos ensinamentos sobre o regionalismo promoveram o direcionamento do trabalho.

4. Considerações finais

Foi um grande desafio analisar as cenas retratadas na obra Serra dos Pilões, do escritor Moura Lima. São descrições de uma terra à margem do que se poderia chamar “civilização”; são retratos sem retoques de pessoas tentando sobreviver, à mercê de bandoleiros e de usurpadores. Não só as terras eram desempossadas; as esperanças e a dignidade eram extorquidas dos habitantes dos “ajuntamentos” do sertão do norte goiano.

Foi uma tarefa ingrata e ao mesmo tempo instigante observar nas entrelinhas da narrativa e na crueza dos cenários a não-vida que se desenrolava no cerrado hostil, na época relatada por Moura Lima.

O termo subcondição humana a que se refere a temática deste trabalho de conclusão de curso, pode ser considerado ainda com uma carga semântica não tão atroz. As cenas vívidas expostas ao leitor são, de fato, muito pungentes e hediondas.

O autor relata o abandono da região, a espoliação, a trajetória de vida cruciante dos moradores com riqueza de detalhes e demonstração de pleno conhecimento da terra e dos problemas do norte goiano. Ele se utiliza do linguajar local característico e é arrojado ao descrever a natureza da região.

Consegue-se enxergar o sofrimento e sentir que a mudança de governo era a única solução para as barbáries que aconteciam nas terras nas quais os governantes não investiam, não demarcavam corretamente e, faziam “vista-grossa” para os casos de roubo ou tomada de posse indevida e ilegal.

Acredita-se que o autor se propôs a fazer uma análise crítica da realidade do interior da região mais pobre e abandonada do estado de Goiás e foi pioneiro nessa empreitada.

Ao descrever com imparcialidade as ações de usurpação de terras e ao mostrar a total ausência de humanidade dos personagens do romance, o escritor faz com que o leitor reflita sobre os desmandos do governo da época e sobre como o ser humano pode se transformar em “fera”, quando o meio em que por vezes é obrigado a viver o oprime, o desumaniza.

Crê-se que o objetivo proposto quando da escolha deste trabalho foi alcançado. Pela leitura e análise da obra, pode-se concluir que a falta de

humanidade dos jagunços, dos tropeiros, dos habitantes das pequenas vilas era provocada pelo abandono do norte goiano, pela fome, pela falta de incentivo por parte do governo, pelos desvios de verbas da antiga SUDAM, pela falta de estradas. Como diziam os antigos moradores dos pequenos ajuntamentos, “era matar ou morrer”; morria-se de emboscada, de malária ou de fome. Como limitação, pode-se considerar a escassez de literatura a respeito de obras tocantinenses. Muitos são os escritores do estado, mas a publicação de livros ainda é incipiente. Esse pequeno entrave não foi impedimento para se analisar a obra a fundo, visto que a narrativa tem um ritmo envolvente que prende a atenção e que desperta no leitor tocantinense, ou migrante, um sentimento de pertencimento, de amor ao novo Estado.

5.Cronograma 2016/2017

MAR.	FEV.	JAN.	DEZ.	NOV.	OUT.	ATIVIDADE
				X	X	Pesquisa bibliográfica
				X		Coleta de dados
		X	X			Apresentação e discurso dos dados
	X					Elaboração do texto final do TCC
	X					Entrega do TCC
X						Defesa da banca

6. Referências

ARAÚJO, Hermenegildo H. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira**: do pitoresco à realização inventiva. Revista Letras - ISSN 0100-0888 2236-0999 (versão eletrônica). Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/10955>. Acesso em: 15, jun. 2016.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 33 ed. São Paulo, Cultrix, 1994.

CARVALHO, Teresa R. **Personagens em Transito**: a introdução da literatura e história social de Tocantins. São Paulo: Livrus Negócios Editoriais, 2013.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980.

_____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2.

CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo**, disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1989/1128>

Acesso em 12, dez. 2016.

FRIZON, Marcelo. **O regionalismo na literatura brasileira**: o diagnóstico de Antônio Candido. 2007, 127 f. Dissertação (Mestrado em literatura) Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GIL, C.A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, editora Atlas, 2000.

LIMA, A. E. A luta pela terra na região norte de Goiás. Disponível em:

<https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/D2015-07.pdf>. Acesso em 20, out. 2016.

MECHI, P. **Referências camponesas na região do Tocantins**. Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Santos. 2014.

MOURA LIMA, J. **Serra dos Pilões**. 4 ed. Gurupi: Editora Cometa, 2011.